

Samir Amin: um intelectual do Sul global

Pedro Aguiar*

Uma velha lenda geológica diz que a tendência natural do rio Nilo teria sido correr na direção leste-oeste por milhões de anos, não fossem os movimentos tectônicos que forçaram seu curso a descer no rumo norte para o seu delta no Mediterrâneo¹. Se for verdade, essa terá sido a metáfora inversa para a trajetória de Samir Amin, o intelectual egípcio que dedicou a vida a ensinar o Sul a se olhar com olhos de Sul, e não do Norte.

Nascido no Cairo em 1931, nos anos de predomínio da corrente nacionalista Wafd, à qual seu pai aderiu e que precedeu o nasserismo, Samir Amin realmente seguiu outra direção. Engajou-se no comunismo e no antifascismo ainda na adolescência e, mesmo após a derrota do Eixo – que tinha invadido o Egito –, manteve-se dedicado ao anti-imperialismo pelo resto da vida. De fato, por um momento da juventude chegou a buscar formação num país central, a França, terra natal de sua mãe. Complementou os estudos secundários em Paris, onde concluiu três graduações: estatística, economia e ciência política na prestigiada Sciences Po.

Na França, militou no PCF (Partido Comunista Francês), então fiel à orientação stalinista, mas desviou-se da linha oficial antes mesmo da divulgação do Relatório Khrushchov. Após uma breve aproximação com o maoísmo, por ver essa corrente (que seria crescente na esquerda francesa até maio de 1968) como mais próxima das realidades periféricas, Samir encontrou caminhos próprios, inclusive o lado teórico do trotskismo, com o prisma do “desenvolvimento desigual e combinado”.

Kvangraven (2019, p. 2) lembra que os anos de formação intelectual de Samir Amin coincidiram com o maior ciclo de descolonização das periferias, especialmente na África. Lideranças pan-africanistas como Kwame Nkrumah, de Gana, e Julius Nyerere, da Tanzânia, além de Nasser e Ghaddafi no norte do continente, ofereciam respostas pragmáticas ao dilema do subdesenvolvimento, o que ia ao encontro do marxismo heterodoxo ao qual Amin subscrevia – jamais encastelado numa torre de marfim acadêmica, e sim engajada nas causas de libertação do então chamado Terceiro Mundo.

Por isso mesmo, não deixou de manter ativa sua conexão com o Egito e a África: nas manifestações em apoio à nacionalização do Canal de Suez pelo governo de Gamal Abdel Nasser, em 1956, Amin fez questão de estar presente. Voltou à França em seguida para concluir o doutorado em economia política, orientado por outro heterodoxo, François Perroux, na mesma Sciences Po.

No entanto, diferentemente de tantos outros intelectuais de origem periférica de sua geração (e posteriores), Samir Amin não se radicou nos polos acadêmicos dos países centrais, mas manteve sua bússola voltada para o Sul, onde suas ideias teriam mais diálogo com a realidade. De volta ao Egito após o doutorado (1957), trabalhou por três

* Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), vinculado ao curso de Jornalismo. É doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

¹Estudo de Faccena *et al.* (2019) Disponível em <<https://www.nature.com/articles/s41561-019-0472-x>>.

anos no Instituto de Desenvolvimento Econômico do governo Nasser. Depois, aceitou um convite do governo do Mali recém-independente para ser consultor de política econômica (1960-1963). Sua decepção com as políticas de crescimento econômico, priorizadas a todo custo por esses governos nacionalistas, motivou-o na busca por um paradigma diferente de superação das desigualdades crônicas.

Em lugar de perseguir carreira na Europa, Amin continuou na África para atuar como pesquisador no Instituto Africano de Desenvolvimento Econômico e de Planejamento (IDEP), centro de pesquisa da ONU em Dacar, capital do Senegal, vizinho ao Mali. O IDEP é um braço de pesquisas da UNECA (Comissão Econômica das Nações Unidas para a África), o equivalente africano da CEPAL.

Também em Dacar, em 1975, Samir Amin fundou o *think tank* Fórum do Terceiro Mundo, uma das entidades que mais tarde (1997) seriam constituintes do Fórum Global para Alternativas – e este, por sua vez, do Fórum Social Mundial em 2001. A organização viria a ser uma das referências intelectuais do movimento difuso denominado como “altermundismo” ou “alterglobalismo”, em cuja fundamentação teórica Amin teve destaque.

Em termos mais concretos, mais do que propugnar um tipo alternativo de globalização, a produção conceitual de Amin interpela as contribuições europeias à história econômica mundial como exatamente isso: europeias, não universais. Trata a Europa como mais uma região nos milênios de formação do cenário global, não como seu centro, muito menos um centro “natural”. Ou, nas palavras de Enrique Dussel, com quem teve amplas convergências, situa a Europa como a periferia do sistema-mundo antigo, pelo menos até a expansão colonial do século XV em diante.

Se foi na tese doutoral que Amin lançou a proposta estruturante da “acumulação do capital em escala mundial” com o desenvolvimento desigual como ontologia do Terceiro Mundo – ou, mais adequadamente, das periferias do sistema-mundo –, a maturidade de análise foi alcançada com *O Eurocentrismo: crítica de uma ideologia* [1988]. Aqui, o economista egípcio reinterpreta a história do sistema-mundo, salientando os protagonismos do mundo muçulmano (do Magrebe à Ásia Central) e da China – que, no entanto, deveu precisamente à sua estabilidade milenar a ultrapassagem pela Europa moderna. Mas examina, de forma detida, todos os empréstimos culturais, ideológicos e econômicos dos sistemas asiáticos e africanos (China, Pérsia, Mesopotâmia, Egito) que a Europa tomou para estruturar a sua modernidade. Na dimensão filosófica, ele faz questão de salientar que a metafísica não é um sinônimo de “irracionalidade” (enquadramento que ele atribui à modernidade), mas sim uma busca pela conciliação entre fé e razão (AMIN, 2009, p. 116).

Ao analisar a acumulação do capital em escala realmente mundial – para além do eixo atlântico costumeiramente privilegiado pelas ciências sociais anglófonas ou eurocêntricas –, Amin volta o relógio não em 500 anos, como Braudel propunha, nem nos 5 000 de Gunder Frank, mas em 2 300 anos: especificamente, volta à formação do mundo helenístico que integrou a Europa mediterrânea ao Oriente Médio, como dois “subsistemas tributários” de um sistema-mundo tributário que, de 300 a.C. a 1500 d.C., precedeu o moderno sistema-mundo descrito por Wallerstein (AMIN, 2006, p. 19-39). A idiossincrasia desse modelo analítico se justifica quando inserida numa perspectiva que toma a gestão dos excedentes pelo Estado como critério essencial para descrever as estruturas de

dominação – que se edifica, em sua hipótese central, como um sistema religioso paraestatal. Nessa visão, só a Renascença europeia dará um “salto qualitativo precoce” (AMIN, 2006, p. 31) ao fundar as bases para a consolidação do capitalismo.

Em 1990, no calor da hora da crise do socialismo real, seu neologismo do *maldéveloppement*, num vocabulário emprestado da fisiologia, buscou driblar os resquícios de paradigma da modernização a que se vincula o conceito de subdesenvolvimento. Amin escreveu o livro para elucidar a questão estrutural do desenvolvimento africano – a “deriva”, como ele denomina. A frustração por sua continuidade desmobilizava a geração que lutara pelos nacionalismos no continente (e os aproximava das soluções neoliberais vendidas pelo Consenso de Washington). Em sua conclusão, sem qualquer capitulação, defendia a revolução e a desconexão (*delinking*) como únicas saídas possíveis para a superação desse problema estrutural. O termo acabaria por se tornar chave no pensamento de Amin.

Embora de origens diferentes, essa construção conceitual convergia com a teoria marxista da dependência, nos termos desenvolvidos por Marini, Bambirra e Dos Santos. Samir Amin já fizera essa ponte no primeiríssimo número da *Review of African Political Economy*, de 1974, ao remeter ao texto fundador de Marini (Subdesenvolvimento e Revolução, 1969), mas só mais tarde uniria esforços com outros analistas do sistema-mundo. A duradoura parceria com Immanuel Wallerstein, Giovanni Arrighi e André Gunder Frank, iniciada no final dos anos 1970, rendeu frutos como o *Dynamics of Global Crisis* (1982), coletânea em que cada um dos quatro autores oferece uma interpretação sobre os processos de crise do capitalismo histórico. Em comum, a “desocidentalização” da teoria crítica e a aposta numa multipolaridade real selaram essa colaboração intelectual.

Amin não se deixou iludir pela “primavera árabe” de 2011, que derrubou os regimes secularistas da onda descolonizadora e os substituiu por plutocracias liberais – como na Tunísia –, por democracias formais de tendência teocrática – como a breve experiência no seu Egito natal – e por anomias conflagradas fratricidas – caso da Líbia e, por pouco, da Síria. Talvez a origem copta da família paterna (abastada, porém antimonarquista e anticlerical) lhe permitisse um distanciamento crítico em relação às correntes políticas islâmicas do Egito, especialmente a Irmandade Muçulmana, cujos conservadorismo e defesa da propriedade privada (o que custara caro a Nasser e Sadat) opunham-se aos interesses da classe trabalhadora em seu país. Por isso, caracteriza o governo de Mohamed Morsi como “bandidagem fascista” apoiada pelos EUA (AMIN, 2016, p. 47).

A bruxa esteve solta nos anos de 2017 a 2019, antes mesmo da atual pandemia. Nesse triênio, o pensamento crítico em relação às estruturas globais perdeu nomes como os de Samir Amin, Marta Hanecker, Theotonio Dos Santos e Immanuel Wallerstein – para ficar apenas com os mais ilustres. Samir Amin faleceu em agosto de 2018, deixando uma prolífica obra (mais de 60 títulos) em que a defesa dos povos periféricos permaneceu inabalável. Sua atualidade está evidente nos contrastes entre centros e periferias ressaltados pela pandemia de covid-19. O “maldesenvolvimento” do esforço de imunização, longe de ser um problema exclusivo das periferias, ameaça a humanidade como um todo. A globalização do vírus é um fato, e, se não houver uma solução em escala realmente mundial, nos mesmos termos da concepção de Samir Amin, o sistema-mundo como um todo estará comprometido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIN, Samir. Accumulation and Development: a theoretical model. Review of African Political

Economy, v.1, n.1., ago-nov/1974, p. 9-26.

AMIN, Samir. *Desafios da mundialização*. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

_____. *Eurocentrism: modernity, religion, and democracy. a critique of Eurocentrism and culturalism*. 2ª ed. Nova York: Monthly Review Press, 2009.

_____. *The Reawakening of the Arab World: challenge and change in the aftermath of the Arab Spring*. Nova York: Monthly Review Press, 2016.

_____. *A via de desenvolvimento de orientação socialista*. São Paulo: Anita Garibaldi/Fundação Maurício Grabois, 2010.

_____. A vocação terceiro-mundista do marxismo. In: HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo*, vol. XI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 301-332.

AMIN, Samir; ARRIGHI, Giovanni; WALLERSTEIN, Immanuel; GUNDER FRANK, Andre. *Dynamics of Global Crisis*. Nova York: Monthly Review Press, 1982.

KVANGRAVEN, Ingrid H. Samir Amin: a pioneering Marxist and Third World activist. *Development and Change*, v.0, n.0, 2019, p. 1-19. DOI: 10.1111/dech.12562